

Quem somos?

● O Comité Operário Internacional contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária (COI) constituiu-se na Conferência Mundial de Mumbai (Índia) que juntou, entre os dias 19 e 21 de Novembro de 2016, delegados de 28 países.

● O COI constituiu-se com base no Manifesto de Mumbai contra a guerra, a exploração e o trabalho precário, manifesto que teve a adesão de militantes operários e responsáveis de organizações políticas e sindicais de 46 países (*)

● O Comité de Acompanhamento é composto por militantes operários de todas as tendências:

Innocent Assogba (Benim)
Alan Benjamin (Estados Unidos)
Colia Clarke (Estados Unidos)
Constantin Cretan (Roménia)
Berthony Dupont (Haiti)
Ney Ferreira (Brasil)
Daniel Gluckstein (França)
Rubina Jamil (Paquistão)
Apo Leung (China)
Gloria Gracida (México)
M. A. Patil (Índia)
Mandlenkosi Phangwa (Azânia)
Klaus Schüller (Alemanha)
Jung Sikhwa (Coreia)
John Sweeney (Grã-Bretanha)
Mark Vassilev (Rússia)
Nambiath Vasudevan (Índia)

(*) Afeganistão, Azânia, Alemanha, Argentina, Áustria, Bangladesh, Bélgica, Benim, Bielorrússia, Brasil, Burundi, Canadá, Chile, China, Coreia, Costa do Marfim, Equador, Estados Unidos, Filipinas, França, Grã-Bretanha, Grécia, Haiti, Hungria, Índia, Irlanda, Islândia, Itália, Mali, México, Paquistão, Peru, Portugal, República Checa, Roménia, Ruanda, Rússia, Senegal, Suécia, Suíça, Togo, Tunísia, Turquia, Ucrânia, Venezuela, Zimbábue.

MARROCOS

A tragédia de Mlilya (Melilha)

Uma verdadeira tragédia humana deu-se no Norte de Marrocos no dia 24 de Junho, quando cerca de 2 mil migrantes vindos de países sub-saarianos tentaram penetrar em Mlilya (em espanhol, Melilla), enclave ocupado por Espanha. A tentativa foi objecto de repressão sangrenta e assassina, custando a vida a pelo menos vinte e três jovens migrantes e fazendo dezenas de feridos. O seu único “crime”: quererem entrar na Europa, passando por esta cidade ocupada.

O trágico acontecimento coincidiu com outra ocorrência da mesma natureza. A morte de pelo menos quarenta e seis migrantes num camião em San Antonio, no Texas (Estados Unidos), após um dia de calor forte, a cerca de 240 Km da fronteira com o México, causando a morte dos jovens, que esperavam poder chegar aos Estados Unidos.

Esta contribuição foi-nos enviada por militantes marroquinos que estão preparando a Conferência Mundial contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária.

Caça ao homem

Quando muitas são as vozes que se elevam a reclamar um inquérito sobre a mortes dos imigrantes, o governo espanhol – governo “de esquerda” – saudou a “*colaboração*” de Rabat na “*defesa das suas fronteiras*”. Pela sua parte, as autoridades marroquinas lançam-se numa autêntica caça ao homem contra dezenas de migrantes. Trinta e sete foram, segundo o seu advogado, Khalid Ameza, inculcados por “*entrada ilegal em solo marroquino*” e “*violência contra agentes da força pública*” ou “*aglomeração armada*”. Outros vinte e oito, ainda segundo o advogado, irão a julgamento por “*participação em bando criminoso no propósito de organizar e facilitar a imigração clandestina no estrangeiro*”. A maioria dos acusados é, informou, originária de Darfur (Sudão Ocidental), região vítima de grave crise alimentar, onde violência recente provocou mais de 125 mortos e deslocou 50 mil pessoas. Outros são do Chade e do Mali, um é iemenita.

A morte destes jovens africanos desvenda tanto o carácter assassino da cooperação em matéria de segurança entre Marrocos e a Espanha como a política criminoso da União Europeia. “*Em Nador, espancaram-nos de maneira inumana*”, declarou à AFP Omar, um migrante sudanês que fugiu à “*guerra e à*

prisão” no seu país. “*Não nos sentimos em segurança aqui, temos as vidas em perigo*”.

A responsabilidade do movimento operário, em Marrocos como em Espanha

O movimento operário – em Marrocos, em Espanha e à escala internacional – tem o dever de afirmar alto e bom som que o único responsável destas tragédias em série é o imperialismo e os seus planos assassinos em África, os planos do FMI que devastam as nações do continente, os planos de ajustamento estrutural e a dívida, que esmagam trabalhadores e jovens.

São estes planos criminosos que ateam os conflitos armados e as guerras que devastam dezenas de países africanos, provocando a fome e impelindo populações inteiras à fuga. Estas últimas esperam poder entrar na Europa para sobreviver, ao passo que a União Europeia e os governos europeus pressionam Marrocos a fazer de cão de guarda das suas fronteiras, impondo acordos comerciais e económicos que apenas agravam a situação dos trabalhadores e da juventude em Marrocos.

As organizações que falam em nome dos trabalhadores e da democracia, em Marrocos como em Espanha, têm o dever de condenar esta política racista e criminoso

que a União Europeia e os seus agentes locais levam a cabo. Exijam a legalização de todos os refugiados, a livre circulação dos cidadãos e o direito de refúgio e condenem as intervenções militares e os planos económicos, a dívida e os acordos de comércio livre que estão dando conta do continente africano. ■

Militantes marroquinos que preparam a Conferência Mundial contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária

A NATO no Norte de África para “proteger a União Europeia”

O primeiro-ministro “socialista” espanhol, Pedro Sanchez, felicitou a guarda marroquina, referindo “*que foi uma agressão (dos migrantes – NdR) contra nós, coisa que as forças da ordem de ambos os países resolveram perfeitamente*”. O governador de Mlilya, Eduardo de Castro, pede à NATO para participar na defesa de Mlilya e de Sebta (Ceuta, o outro enclave espanhol no Noroeste de Marrocos).

O secretário-geral da NATO declarou-se “*convencido de que os aliados da NATO apoiariam a Espanha caso ela se sinta ameaçada*”. O governo espanhol (composto pelo Partido Socialista, Partido Comunista e *Podemos*) aproveitou, no mais, a cimeira da NATO em Madrid para pedir uma participação avançada da aliança no Norte de África!

NATO: rumo à militarização geral da Europa

Artigo publicado em *La Tribune des travailleurs* (França)

Que ficou da cimeira da NATO que se reuniu em Madrid (Estado Espanhol) de 28 a 30 de Junho? Segundo os comunicados oficiais da aliança militar dirigida pelos Estados Unidos, fundada em 1949, a cimeira de Madrid operou uma “*viragem estratégica*”. Que viragem?

A NATO passou a qualificar a Rússia de “*ameaça mais significativa e directa para a segurança dos aliados*”. Acrescenta a aliança militar: “*Não podemos afastar a possibilidade de um ataque contra a soberania ou a integridade territorial dos aliados*”. Não só a NATO não afasta a hipótese de uma confrontação directa, como, na prática, a procura; assim, durante a cimeira, houve bombardeamentos contra a cidade russa de Belgorod, a 40 Km da fronteira ucraniana, consequência dos fornecimentos maciços de armas à Ucrânia pelos países da NATO. Pouco antes da cimeira, o governo lituano (membro da NATO e da União Europeia) decretara o bloqueio do enclave russo de Kaliningrado (território russo encravado entre a Lituânia e a Polónia, base naval russa no mar Báltico).

A cimeira de Madrid foi, por fim, o ensejo para o presidente dos Estados Unidos impor ao presidente turco, que se lhe opunha, a adesão da

Suécia e da Finlândia à NATO (a Finlândia tem 1.300 quilómetros de fronteiras terrestres com a Rússia). Em “troca”, quase nem vale a pena dizê-lo, de um compromisso dos governos sueco e finlandês em restringirem as actividades dos militantes curdos refugiados nos seus territórios.

Visada não é, porém, apenas a Rússia. Na continuidade da cimeira do G7, que dias antes reunira os chefes de Estado dos sete países imperialistas mais poderosos (mais a União Europeia), a cimeira da NATO fez claramente pontaria à China, “*desafio para a sua segurança*”. A cimeira da NATO contemplou igualmente uma intervenção no Sahel, onde o imperialismo francês se encontra em grandes dificuldades. A China, o Sahel, ontem o Afeganistão... longe se anda do Atlântico Norte, zona teórica de intervenção da NATO.

A cimeira da NATO foi ocasião para decisões que apontam para a remilitarização geral da Europa. 300 mil soldados de todas as nacionalidades foram postos em estado de alerta no Leste do continente, e Biden anunciou, sem quantificar, que iria aumentar o número de soldados americanos presentes no continente (são já mais de cem mil). “*Os Esta-*

dos Unidos fazem exactamente o que eu disse que faríamos se Putin invadisse a Ucrânia: reforçar os nossos meios na Europa. Com mais navios aqui, em Espanha, mais defesa aérea em Itália e na Alemanha, mais F-35s no Reino Unido, e haverá um novo quartel-geral permanente para o Vº corpo de exército na Polónia”, anunciou Biden.

Tudo isto tem custos. Biden anunciou 800 milhões de dólares suplementares de ajudas militares à Ucrânia (traduzindo: 800 milhões de dólares tirados dos bolsos dos contribuintes americanos e oferecidos às multinacionais norte-americanas do armamento). O seu mais fiel aliado, o primeiro-ministro britânico Boris Johnson, acrescentou: “*Os 2% (portanto o objectivo a seu tempo fixado por Trump de aumento das despesas militares dos países membros da NATO até 2% do seu produto interno bruto – NdR) sempre foram vistos como uma base, não um tecto, os aliados têm que continuar a mobilizar-se*”.

Vai ser preciso ir buscar a algum lado estas dezenas de milhar de milhões de dólares adicionais para engordar os mercadores de armas e alimentar a próxima guerra mundial. Toda a gente sabe aonde: aos orçamentos dos serviços públicos,

das escolas, dos hospitais, das estradas, aos salários dos funcionários, etc.

Repare-se que esta política ditada por Biden aos seus “aliados” da NATO não suscitou resistência especial da parte dos governos em que têm assento partidos “socialistas” (Alemanha, Bélgica, Portugal),

“comunistas” e da “esquerda radical” (Estado Espanhol). Apoiados no vasto consenso pró-NATO no Parlamento Europeu, todos eles validaram as decisões da cimeira. Uma cimeira de preparação para uma nova guerra mundial.

Biden, representante dos oligarcas

americanos, bem podia prestar homenagem a Putin à saída da cimeira. Graças à intervenção militar na Ucrânia do representante dos oligarcas russos, rejubilou Biden, a NATO ficou “*mais unida do que nunca*”... atrás dos interesses da Wall Street. ■

Jean Alain